

# ARQUITECTURAS DE TERRA E REVESTIMENTOS PICTÓRICOS A FRESCO

## Graça Horta

Instituto Português de Conservação e Restauro – IPCR  
R. das Janelas Verdes, 37 - 1200 – Lisboa - PORTUGAL  
Tel.: +351213934200; Fax: +351213970067 ; Email: [ipcr@ipcr.pt](mailto:ipcr@ipcr.pt)

**Tema 2:** Conservação e Património

**Palavras-chave:** Taipa; Pintura mural; Conservação

### Resumo

Esta comunicação tem por objectivo alertar para a necessidade urgente da recuperação e salvaguarda de revestimentos arquitectónicos realizados sobre arquitecturas de terra, nomeadamente pinturas de técnica a fresco, num grande número de edifícios patrimoniais da arquitectura religiosa do Sul de Portugal.

O desconhecimento das técnicas tradicionais de construção dificulta uma intervenção adequada nestas estruturas arquitectónicas, em muitos casos ameaçando ruína, sem a qual, obviamente, se torna impossível ou mesmo inútil, conservar as pinturas. Será portanto de todo o interesse dinamizar a recuperação deste tipo de património, tanto pelo seu valor arquitectónico, como pelo valor artístico e documental destes revestimentos pictóricos; esta dinamização exige a criação de pequenas equipas multidisciplinares, do conservador-restaurador ao arquitecto e do engenheiro ao historiador de arte, mas onde os conhecimentos destas técnicas construtivas esteja presente.

Toma-se como exemplo desta necessidade, a Igreja de St.<sup>a</sup> Iria, pequeno templo rural perto de Serpa, não só porque os estudos aqui realizados, permitem exemplificar em pormenor os problemas existentes, mas também porque o concelho de Serpa é rico neste tipo de património, a nível religioso e civil. Esta igreja é, ao que tudo indica, construída em taipa e tem pintura a fresco no seu interior.

Os trabalhos de conservação das pinturas não podem prosseguir, na ausência de uma intervenção ao nível do suporte arquitectónico.

### 1. Introdução

Em Portugal existem numerosas pinturas a fresco, maioritariamente dos séculos XVI e XVII, revestindo as paredes interiores de capelas e ermidas em regiões do interior do país, com particular destaque nas regiões de Alentejo, Douro e Alto Trás-os-Montes.

O estado de conservação destas obras, executadas sobre rebocos à base de cal, dependem de muitos factores e, entre eles, do tipo de suporte arquitectónico sobre o qual é executado o reboco e que varia, dos blocos de granito a Norte, aos de pedra calcária, por exemplo nos claustros do Mosteiro da Batalha, à pedra miúda argamassada com cal ou às arquitecturas de terra. Com efeito, a maior ou menor aderência dos rebocos e as variações do teor de humidade nas paredes, bem como a estabilidade dos edifícios são factores determinantes na longevidade deste tipo de arte.

O Sul de Portugal, pródigo em arquitecturas de terra de características diversas, consoante o tipo de rocha-mãe e solos existentes, apresenta no concelho de Serpa um bom número de edifícios religiosos de grande interesse, quer pela sua arquitectura, quer pelas pinturas que encerram, pese embora o estado degradado de muitos desses imóveis. Citemos, a título de exemplo, a Igreja do Santuário (Serpa), a Ermida de St.<sup>a</sup> Luzia, (a 2km de Pias) ou a Igreja de St.<sup>a</sup> Iria (St.<sup>a</sup> Iria). Esta última, situada na povoação do mesmo nome, a alguns Km de Serpa, foi objecto de trabalhos de conservação das suas pinturas murais mas, se não houver uma intervenção adequada, que ultrapassa completamente o âmbito de intervenção dos conservadores-restauradores, os trabalhos não poderão prosseguir, perder-se-à o esforço despendido até agora e o próprio edifício estará ameaçado.

### 2. A igreja e o espaço envolvente

Templo quinhentista, em estilo gótico-manuelino como demonstram os elementos arquitectónicos - ameias chanfradas, pináculos cónicos, abóbada nervurada da capela-mor e o cordame do óculo da fachada - tem uma planta rectangular e é

constituído por uma só nave e capela-mor com dois pequenos corpos laterais - a sacristia e o baptistério; as coberturas assumem um aspecto abobadado na nave e tipo telhado de quatro águas nos restantes elementos (Fig.1).

Interiormente os alçados da nave estão divididos em três panos rasgados por frestas, à excepção do primeiro, do lado norte, que comunica através de um pequeno arco com o baptistério. Na capela-mor é também através duma fresta que a parede sul abre para o exterior.

Apresenta vários indícios de alteração da traça primitiva: no portal da entrada, no entaipamento de algumas frestas, na porta de ligação à sacristia que foi alteada e, exteriormente, nas gárgulas de escoamento de águas da capela-mor, evidenciando que outrora a disposição da sua cobertura foi bem diferente da actual.

O grau de resistência deste edifício à passagem do tempo depende dos materiais que o constituem; mas também da sua localização geográfica, incluindo a topografia local. Estes factores determinaram também o seu microclima, seguramente alterado através dos séculos: a colocação de vidros nas frestas, na década de 1980 e a modificação agora operada, com a introdução de janelas permitindo a abertura e fecho, são apenas alguns exemplos.

A localização topográfica - numa pequena rechã da vertente sobranceira, a oeste, ao Barranco de Sta. Iria, que escoia a 50m - é um factor de instabilidade: a vertente tem neste local um comando de 36m e um declive suave, que oscila entre os 5% e os 13%, mas que, a leste da parede fundeira, é bruscamente interrompido transformando-se num escarpado de 2m de altura, provocado pelos deslizamentos de terrenos, que o sapamento lateral do curso de água ocasiona, sobretudo quando atinge o leito de cheia (Fig. 2).

Em determinada altura, depois de uma época de inundações, este efeito erosivo era de tal forma grave que se recorreu a entulho, para criar uma área de aterro em semi-círculo em torno da parede leste.

O ordenamento e a qualidade ambiental requeridos em torno de um edifício patrimonial impõem uma revisão urgente destas situações.

### **3. As pinturas murais**

As pinturas tem um cunho regional e características únicas, tomando como modelo gravuras da época (1). A execução é de bom traço e com uma paleta reduzida.

Esta obra esteve durante muitas décadas sob a cal, tendo sido descoberta em 1984, quando o pároco José Carvalho solicitou a intervenção dos conservadores do Instituto José de Figueiredo. Levantadas as camadas de cal, a parede fundeira exhibe um Calvário ao centro, do lado do Evangelho Sta. Ágata e do lado da Epístola Sta. Luzia. O alçado norte tem como figura central Cristo Ressuscitado e aos seus pés o tecto do túmulo e dois soldados romanos, um deles adormecido, em cujo escudo se podem ver as letras "S.P.Q.R - "Senatus Populusque Romanus "; o outro, de costas, tem no escudo o desenho de um escorpião. As figuras de Sta. Catarina à direita e de um eclesiástico à esquerda completam a decoração deste alçado. No alçado sul aparece Cristo descendo ao Limbo, à esquerda e à direita desta cena encontram-se duas figuras de eclesiásticos das ordens beneditina e dominicana. O tecto, na superfície posta a descoberto, exhibe a Lua e figuras de animais, entre eles um unicórnio. No tímpano do arco triunfal, uma imagem central sobre uma meia lua, truncada ao nível da cintura, poderá ser Nossa Senhora da Conceição ou Nossa Senhora de Guadalupe, padroeira de Serpa; está ladeada do lado do Evangelho por uma grande figura feminina ajoelhada. É ainda visível, no topo, uma outra figura também feminina, de que se divisa por agora apenas o rosto. Todos os quadros são envolvidos por uma moldura fingida. Sobre um reboco inferior ao da pintura acabada de referir, aparecem algumas letras maiúsculas, tudo indica que pertencentes à inscrição - *INRI*. Com os contornos marcados por incisão num reboco mais primitivo - provavelmente o reboco inicial da igreja - situam-se no topo e ao centro do tímpano, delineadas a vermelho escuro, sendo visíveis na quase totalidade apenas as duas primeiras letras.

#### **4. Técnicas e materiais constituintes**

O edifício é uma arquitectura de terra em taipa (2), que assenta em blocos de rocha irregulares, de grande dureza, detectando-se nalguns locais, como nos nichos da parede fundeira e em torno da porta que liga à sacristia, tijolos compactos. Este suporte é revestido por rebocos de cal e areia, quer no exterior quer no interior.

O chão é constituído por baldosas.

A cal está presente, em camadas sucessivas, permitindo a conservação do edifício.

As pinturas foram executadas a fresco, como testemunham as juntas de argamassa definidoras das etapas de trabalho e as análises laboratoriais que apenas detectaram carbonato de cálcio; alguns acabamentos poderão ter sido efectuados a seco, com leite de cal ou mesmo hidróxido de cálcio, nas zonas de empastamento.

A transposição do desenho fez-se nalguns pontos por incisão directa e, na decoração dos nichos arquitectónicos da parede fundeira, o desenho foi transposto através de um cartão recortado, *máscara* (3).

O reboco do *intonaco* (4) é muito fino - 0,1mm a 0,5mm – e assenta sobre a caiação do reboco primitivo a que poderemos chamar impropriamente *arricio* (5) por comodidade de exposição.

#### **5. Alterações relacionadas com o suporte arquitectónico**

Trabalhos efectuados entre 1985-1988 puseram a descoberto grande parte da pintura, essencialmente na área da capela-mor e foram realizadas algumas fases mais urgentes dos trabalhos de conservação. Desde o início se tornou evidente, que o ritmo teria de ser lento, dada a forte adesão da cal à superfície pictórica e à deficiente aderência dos rebocos ao suporte arquitectónico.

O estado do edifício, fortemente degradado, reclamava uma intervenção urgente. A descrição do caso e pedido de classificação foi enviada pelo IJF às entidades competentes. Até ao momento a classificação encontra-se em estudo.

Em 1998-99 foi possível efectuar uma nova etapa de trabalhos, cuja duração permitiu o estudo mais aprofundado das causas de alterabilidade.

As observações e os testes executados no local, conjuntamente com os resultados laboratoriais, conduziram à compreensão das causas de alterabilidade das pinturas.

As patologias que afectam estes murais estão, na sua maioria, intimamente ligadas ao edifício de que fazem parte: o péssimo estado de conservação em que este se encontra, a sua instabilidade e o seu microclima são as principais causas das graves alterações verificadas.

O levantamento da cal na capela-mor e tímpano do arco triunfal puseram a descoberto profundas fissuras verticais, sensivelmente a meio de cada pano e do tímpano; a leste e a sul atravessam toda a espessura das paredes, sendo visíveis também no exterior. No arco triunfal, o entablamento que corre sobre ele encontra-se abatido na parte central (Fig. 3).

É possível que estes danos tenham sido provocados por abalos sísmicos, tendo em conta a região, mas o tipo de construção, a provável inexistência de alicerces adequados e a morfologia do terreno, agravam o problema.

Quer no tímpano, quer nas paredes sul e este da capela-mor, as fendas foram entulhadas em época desconhecida, com pedras, pedaços de tijolo e de telha amassados com terra, numa amálgama caótica que as sucessivas caiações encobriram; estes materiais foram retirados quando das primeiras intervenções e substituídos por argamassas de cal e areia misturadas com pequenos pedaços de tijolo, que permitissem por um lado a secagem lenta das argamassas, evitando que estalassem e por outro, conferissem uma maior solidez a estas áreas, afectadas por lacunas de grande profundidade. Na última intervenção, depois de um período de 10 anos, estas rebocos exibem novamente um conjunto de pequenas fissuras, com a mesma orientação das grandes fendas acima referidas, comprovando a continuada instabilidade do edifício (Fig. 4).

Para além da instabilidade estrutural, o microclima interior tem sido o principal factor de alterabilidade destes murais. Note-se, que não é necessário que chova, para que a HR% no interior seja elevada, porque o local está situado numa região levemente

deprimida, favorecendo a ocorrência de neblinas, orvalho e geada, num elevado número de dias por ano; as variações bruscas da HR%, devido em parte, às grandes amplitudes térmicas diárias, originam ciclos de humedificação/ secagem das paredes, com os consequentes ciclos de dissolução/ recristalização de sais. O aparecimento de velaturas esbranquiçadas sobre a superfície da pintura, a falta de aderência dos rebocos entre si e à arquitectura, provocando a sua queda, são algumas das consequências.

A constante infiltração das águas provoca também certamente, ciclos de dissolução/ recristalização dos sais existentes nos materiais constituintes do suporte arquitectónico; não se pode esquecer que sendo a região um local de pastoreio intenso desde há séculos, é natural que as terras constituintes da taipa estejam carregadas de nitratos, para além de outros sais. Assim, a formação de cristais no interior das paredes, desagrega a taipa, destruindo o próprio suporte arquitectónico.

O edifício é assim - dado o débil isolamento - uma espécie de “esponja”.

O alto teor de humidade no interior é proveniente, sobretudo, da falta de isolamento das coberturas e do chão, mas não sabemos até que ponto, sobretudo em relação à humidade ascensional e às infiltrações nas paredes, a causa não estará directamente relacionada com o tipo de arquitectura ou defeitos/ alterações na sua constituição.

## **6. Conclusões**

Em pintura mural, a importância do estado de conservação dos imóveis determina, não raras vezes, a impossibilidade de uma intervenção adequada nas obras, enquanto se mantiver o estado de degradação do edifício; esta é das áreas em que mais se faz sentir a necessidade não apenas de discussão, mas da elaboração de projectos que contemplem intervenções multidisciplinares.

A igreja de Sta. Iria não foge a esta regra.

O estudo pormenorizado desta arquitectura e a sua recuperação é uma necessidade inadiável para a sua reabilitação e da obra pictórica que a reveste.

## **Bibliografia**

- Mora, P. et L. et Philippot, P. - “La conservation des peintures murales”, Bologna, 1977.
- Henriques, F. M. A., “Humidade em paredes”, 2ª. Edição, 1995, LNEC.

## **Outra informação:**

- Relatórios da Área de Pintura Mural do IJF/ IPCR) – Dossier n.º 677, 1012, 1278.
- Relatório do Laboratório Central (IJF/ IPCR), n.º 34/98.
- Carta do local 1:2 000 (CMS).
- Planta do local 1:100 (CMS).
- Planta da Igreja e alçados da capela-mor 1:10 (CMS).
- Carta Militar n.º 533, 1:25 000, IGE.
- Carta de Solos 1: 50: 000
- Carta Geológica de Portugal na escala de 1: 500.000 – Instituto Geológico e Mineiro.

## **Notas:**

(1) – Segundo Vítor Serrão.

(2) – As prospecções efectuadas durante os trabalhos, quer no interior quer no exterior da Igreja, revelaram a existência de um suporte arquitectónico cujo material é a terra, com excepção de alguns pontos onde se notam grandes blocos rochosos – base do edifício – e tijolo compacto.

(3) – Termo empregue para os cartões que permitiam executar rapidamente as grandes manchas do desenho.

(4) – Normalmente, a camada de argamassa destinada a receber a pintura, constituída por areias de granulometria mais fina e com uma maior quantidade de cal do que a do *arricio*.

(5) – Camadas de armassa anteriores ao *intonaco* constituídas por areias de granulometrias superiores às do *intonaco* e uma menor quantidade de cal.

## **Nota final:**

A autora é natural de Lisboa, tem um Bacharelato em Conservação e Restauro – Especialização em Pintura Mural, pela ESCR de Lisboa e é licenciada em Geografia e Planeamento Regional pela FLUL. É técnica superior do IPCR desde 1989.



Fig. 3 – O entablamento sobre o arco triunfal abatido ao centro



Fig. 4 – As argamassas colocadas há anos acusam fissuras verticais



Fig. 1 – Fachada e lado Norte da Igreja



Fig. 2 – Aterro constituído por entulho em torno da parede fundeira